

Notas biográficas de Adelelmo do Nascimento

Denise Rosseli Pedrassoli¹

Adelelmo do Nascimento, autor da obra *Compêndio de Música Elementar*, editada postumamente pelo governo do Amazonas, em 1904, para aplicação no ensino regular do Estado, é descrito por seu contemporâneo Agnello Bittencourt (1876) como um mulato de porte agigantado e inteligência brilhante, que falava fluentemente o francês e o italiano e detinha vasta cultura². Músico excepcional e grande organizador³, seu nome é citado pelos autores da época, invariavelmente com os atributos de excelente violinista, cantor, compositor, professor e regente, conforme se poderá observar ao longo deste trabalho.

As informações sobre as datas de seu nascimento e morte, são controversas. Segundo o autor Sílio Boccanera (1915, p. 221), na obra *O Theatro na Bahia*, Adelelmo teria nascido em Salvador, no ano de 1848 e falecido em Paris, a 28 de janeiro de 1898. Já Guilherme de Mello (1908, p. 268), em *A Música no Brasil Desde os Tempos Coloniais*, diz que ele nasceu na rua dos Ossos, Freguesia da Sé, em 1848 e morreu em Paris, em 28 de fevereiro de 1898. Vicenzo Cernicchiaro (1926, p. 472), em sua *Storia della Música nel Brasile*, informa ter o músico nascido em 1848, na Bahia e falecido em 28 de agosto de 1898, em Paris, enquanto Agnello Bittencourt (1876, p. 20), no *Dicionário Amazonense de Biografias*, aponta a Freguesia de Santana, 1852, como local e data de sua origem e Paris, 28 de fevereiro de 1898, como as de seu passamento, por sinal, as mesmas informações contidas no prefácio do *Compêndio de Música Elementar*, no discurso necrológico proferido pelo Lente Catedrático Francisco Antônio Monteiro, quando das homenagens póstumas ao recém falecido autor⁴.

Com relação à data e ao local de seu nascimento, esta pesquisa não pode chegar a uma conclusão definitiva por não ter encontrado qualquer documentação que os comprovasse. Porém,

¹ Trabalho desenvolvido como projeto de Iniciação Científica, amparado pela FAPEAM/UEA, orientado pela Prof^a Msc. Luciane Viana Barros Páscoa e co-orientado pelo Prof. Doutor Márcio Leonel Farias Reis Páscoa

² Agnello Bittencourt foi aluno de Adelelmo do Nascimento no Gymnasio Amazonense e dedicou-lhe extenso verbete em sua obra: *Dicionário Amazonense de Biografias*: “Quantas vezes o vi fazendo parte de comissões examinadoras, no Instituto Normal, inquirindo, com desembaraço, os discentes em outras disciplinas que não tinham a menor conexão com a Música e com o Canto Orfeônico?” (BITTENCOURT, 1876. p. 21).

³ O trecho a seguir refere-se à solenidade de entrega das últimas cartas de alforria aos escravos da Província, no dia 10 de julho de 1884. “O que realizou, com sua competência e tenacidade foi um verdadeiro milagre, dentro do programa dos festejos, tudo preparado no mínimo de tempo e no máximo de significação e esplendor” (BITTENCOURT, 1876, p. 220).

⁴ NASCIMENTO, 1904, p. VII.

no que se refere à data de sua morte, não parece haver motivos para duvidar das informações contidas no *Compêndio de Música Elementar*, cujo prefácio compõe-se das homenagens póstumas dedicadas ao autor nos meses que se seguiram ao seu desenlace. Esse episódio, que faz parte de uma *Poliantéia* distribuída em sessão solene daquela congregação, no dia 28 de abril de 1898, confirma a data de seu óbito para 28 de fevereiro de 1898. “A congregação do Gymnasio Amazonense e Cursos Anexos rende hoje homenagem ao grande artista e professor exímio, cujo nome nos serve de epígrafe e cuja existência, há dois meses foi colhida pela mão inexorável da morte” (NASCIMENTO, 1904, p. VII).

Em um único ponto, no entanto, parecem estar de acordo todos os autores; Adelelmo do Nascimento faleceu em Paris, cidade que escolheu para viver os últimos anos de sua vida.

Logo depois de aposentado, abraçou-nos e disse-nos adeus, porque deixava-nos; ia ouvir um pouco de música antes de morrer. Foi para Paris. Não sei se o maestro ouviu a música que ele tanto desejava; mas, o que é certo, é que em Paris, no dia 28 de fevereiro, deixou de existir (NASCIMENTO, 1904, p. X).

De sua infância, sabe-se pouco. Filho de Felippa Gouveia e José Francisco do Nascimento, à época considerado um grande clarinetista, obteve sua formação humanística nas escolas do Lyceu provincial e no Colégio Dois de dezembro⁵, onde chegou a fazer os estudos preparatórios para o curso de Farmácia⁶, mas desistiu por não possuir os meios necessários. Dedicou-se então aos estudos de violino e regência, chegando a assumir o lugar do pai na mestrança da capelania da Sé, em Salvador, quando de sua morte⁷.

Sua formação musical parece ter sido a mais simples, possível, o que apenas ressalta as suas aptidões artísticas. “Não consta que Adelelmo do Nascimento, um maestro que se fizera por si próprio, jamais freqüentasse algum conservatório de música” (BITTENCOURT, 1876, p. 21). Aluno primeiramente de seu pai, iniciou os estudos de solfejo aos nove anos, passando em seguida para as mãos do professor Isidoro, naquela época, o melhor violinista da Bahia⁸, e dos

⁵ “Assim, enquanto ele recebia no lar as lições de virtudes, fazia os seus estudos de humanidades no conceituado Colégio Dois de Dezembro” (NASCIMENTO, 1904, p. VIII).

⁶ Informação contida na obra *A Música no Brasil Desde os Tempos Coloniais* (MELLO, 1908, p. 268).

⁷ “Morto o seu progenitor, Adelelmo, já a esse tempo conhecido como cantor e 1º violinista, sucedeu-lhe na mestrança da capelania, de cujo lugar foi dispensado pouco tempo depois”. (MELLO, 1908, p.269).

⁸ “Logo nos primeiros anos de sua vida, mostrou vocação para a Música; estudou com o velho Nascimento o solfejo e os primeiros exercícios de violino, instrumento de sua predileção. Mais tarde desenvolveu-se sob a direção do

conhecidos professores Rodrigo Pereira, Eduardo Silva e Joaquim Torres⁹. “Ao cabo de alguns meses ouvia de cada um, a seguinte confissão: ‘Nada mais tenho a ensinar-lhe’. É que a capacidade genial do discípulo ultrapassava a sabedoria do mestre” (BITTENCOURT, 1876, p. 21). E quando em meados do século XIX, chegou à Bahia o maestro e violinista Giuseppe Baccigaluppi¹⁰, o jovem estudante já se encontrava pronto para receber os ensinamentos que o tornariam um músico sólido, *spalla* e regente das orquestras da época, assunto que será amplamente debatido ao longo deste trabalho.

Sua trajetória musical foi atípica. Talvez devido ao extraordinário talento como violinista e elevado nível técnico de suas performances¹¹, não parece ter sentido a necessidade de buscar aprimoramento na Europa, como era o costume entre os músicos da época; ao contrário, preferiu ficar no país, recusando todos os convites para estudar fora, conforme atestam os trechos retirados das obras, *O Theatro Brasileiro e O Theatro na Bahia*, ambos do autor Sílio Boccanera.

Ainda em 1879, o maestro Antonietti, diretor da orquestra, entusiasmado pela verdadeira compleição artística do nosso pranteado conterrâneo, Adelelmo do Nascimento, quis, à viva força, levá-lo para a Itália, e à expensas próprias, honrosa proteção recusada num assomo, talvez, de orgulho: tendo-se feito por si, unicamente por si queria subir (BOCCANERA, 1906, p.18).

[...]

Muito admirado foi em 1880, pelo nosso glorioso Maestro Carlos Gomes, quando aqui esteve pela primeira vez, e que, a todo o transe, quis levá-lo consigo para a Itália; a isso sempre se opondo Adelelmo (BOCCANERA, 1915, p. 221).

professor Isidoro, que naquele tempo era o melhor violinista da Bahia e quando ele já sabia tanto como o professor, foi aperfeiçoar-se com o Maestro Baccigaluppi”. (NASCIMENTO, 1904, p. VIII).

⁹ “Aplicou-se então Adelelmo, com mais assiduidade, ao estudo do violino, tendo por mestre o afamado Baccigaluppi, levando, porém, os rudimentos já aprendidos com os conhecidos professores Rodrigo Pereira, Eduardo Silva e Joaquim Torres” (MELLO, 1908, p. 268).

¹⁰ “Giuseppe Baccigaluppi era italiano e veio para o Brasil na metade do oitocentos, na qualidade de regente de uma companhia lírica. Foi considerado o introdutor da verdadeira interpretação musical” (BOCCANERA, 1915, p. 232).

¹¹ “Conhecia todas as regras, todos os segredos, todas as dificuldades da arte que ele adorava. Executava fielmente os trabalhos dos grandes gênios e não consentia que se os profanassem” (NASCIMENTO, 1904, p. IX).

Jovem, ainda, tornou-se *spalla* e regente da orquestra do Teatro São João, em Salvador, muito famosa, à época, por sua qualidade.

Com relação ao nosso teatro, é bem verdade que a Bahia nunca teve a glória de abrigar, em seu seio, companhias de primeira classe, pois que as subvenções dadas pelo governo para acudir às enormes despesas destas, estavam tão longe, que mal davam para as de segunda. No tempo, porém, em que estas vinham à Bahia, não precisavam trazer orquestra, porque se encontrava aqui, a melhor e mais disciplinada possível; bastava uma simples ordem vocal do regente para se modificar uma partitura ou transportá-la para o tom determinado (MELLO, 1908, p. 278).

E cedo conquistou elevadas posições na hierarquia artística, tornando-se um músico vigoroso e austero.

Quando Adelelmo se apresentou em nossa orquestra já era um violinista de mão cheia, tanto assim que lhe davam o lugar de regente, tanto nas igrejas como no teatro São João (MELLO, 1908, p. 268).

[...]

Moço, com 20 a 22 anos de idade já era respeitado pelos bons e velhos músicos de sua terra natal; e esses, não se humilhavam quando, sob a batuta do jovem Artista, tocavam, quer no teatro, quer nas solenes festas de Santa Cecília. E já, nesse tempo, meus senhores, ele era em excesso, intransigente. Qualquer que fosse a composição, havia de ser executada como estivesse escrita, não se suprimia uma pausa, não se omitia uma nota (NASCIMENTO, 1904, p. IX).

É natural imaginar que tantos atributos artísticos possam ter causado inveja e dificuldades nas relações com os colegas. Porém, o autor Guilherme Mello nos traz algumas informações que indicam não ter sido a inveja, somente, a responsável pelas adversidades que o músico atravessaria:

Morto o seu progenitor, Adelelmo, já a esse tempo conhecido como cantor e primeiro violinista, sucedeu-lhe na mestrança da capelania, de cujo lugar foi dispensado pouco tempo depois. Para Adelelmo começou então uma crise negra de privações e dificuldades devido, nem só à guerra que lhe moviam os seus companheiros de classe, por verem nele um rival temível, poderoso por

sua inteligência robusta, como também pelo gênio ou modo um tanto áspero com que tratava os seus colegas, nos quais reconhecia força artística inferior à sua (MELLO, 1908, p.268).

É bem provável que juventude e imaturidade o tenham levado a cometer excessos que comprometeram o bom andamento de sua carreira, mas as coisas melhoraram com a chegada, à Bahia, da atriz Eva Carlani e sua companhia lírica, pois que encontrando Adelelmo do Nascimento à regência da Orquestra São João, lá o manteve por reconhecer-lhe o valor artístico¹², atitude não muito comum às companhias líricas da época que costumavam trazer seus próprios maestros.

O verdadeiro reconhecimento, porém, só aconteceu em 1880, quando a lírica de Tomás Passini veio à Bahia para encenar a ópera *Il Guarany*, com regência do próprio Carlos Gomes, que segundo relatos, ficou bastante surpreso por encontrar no Brasil, um violinista tão bom quanto os da Europa.

No desempenho desses cargos veio encontrá-lo o glorioso maestro Carlos Gomes, de saudosa memória, o qual admirou-se de ver no Brasil um violinista de força igual a dos primeiros da Europa, firmando-se de então para cá, mais os créditos de Adelelmo como artista (BOCCANERA, 1915, p.169).

Contratado como *spalla* e segundo regente daquela companhia, partiu em *tournee* pelo norte e nordeste do país, viagem que o tornou conhecido, especialmente por ter dividido com Carlos Gomes, a regência da sua ópera mais aclamada¹³. Ao final dessa *tournee*, fixou residência no Pará, onde esteve até 1882 quando, respondendo a um convite de Pedro Ayres Marinho¹⁴, mudou-se definitivamente para Manaus¹⁵, cidade na qual viveria os últimos quinze anos de sua vida, fazendo ao que tudo indica, do magistério, a sua principal atividade.

¹² “Chegando à Bahia a companhia lírica de Eva Carlani, encontrou essa atriz Adelelmo na regência da orquestra do Teatro São João, em cujo lugar o manteve por conhecer-lhe a importância e o merecimento que realmente tinha” (MELLO, 1908, p. 269).

¹³ “Em 1880, quando no teatro São João, Carlos Gomes dirigiu a orquestra na ópera *IL Guarany*, teve a gentileza de oferecer a Adelelmo a batuta para a regência de alguns trechos” (NASCIMENTO, 1904, p. IX).

¹⁴ Pedro Ayres Marinho era, na época, o Diretor da Instrução Pública da Província do Amazonas.

¹⁵ “Em fins de 1880 ele deixou a Bahia e veio para o Pará, em companhia de Passine. A sua passagem em diversos estados do Norte, fê-lo conhecido e aplaudido, principalmente em Pernambuco, Maranhão e Pará, onde se

De sua breve passagem pelo Pará, sabe-se ainda menos. Os autores que escreveram sobre ele¹⁶, comentam que esteve por lá, por um período de dois anos, mas pouco dizem sobre que esteve fazendo nesse período. O próprio autor Vicente Salles (1970), que escreveu a obra *Música e os Músicos no Pará*, não chegou a lhe dedicar um verbete em seu dicionário biográfico, o que causa surpresa, pois Adelelmo do Nascimento foi para Belém, em 1880, com a primeira companhia lírica a se apresentar no Teatro da Paz, no importante cargo de *spalla* da orquestra, o que já seria suficiente para revelar o seu valor. Além disso, esse autor tinha em Carlos Gomes, um admirador confesso, que não cansava de expressar seu entusiasmo por haver encontrado na Bahia um violinista tão bom quanto os primeiros da Itália” (BOCCANERA, 1906, p. 18). E ainda segundo o autor Vincenzo Cernicchiaro, na obra *Storia della Musica nel Brasile*¹⁷, Adelelmo do Nascimento teria recebido do governo do Pará uma subvenção para estudar na Europa, as novas metodologias de ensino, informação que é, ao menos em parte, confirmada pelo autor Sílio Boccanera em sua obra *O Teatro na Bahia*: “Não obstante ter sido educado aqui na Bahia, foi, ao contrário dos outros, ilustrar as escolas estrangeiras com o seu grande e excepcional talento” (BOCCANERA, 1915, p.159). Ainda assim, seu nome é mencionado na obra de Vicente Salles (1970) apenas como professor de violino de Octávio Meneleu Campos, o que não deixa de ser uma informação importante, uma vez que o vincula diretamente a aquele cenário artístico.

Já com relação à sua passagem pelo Amazonas, há uma obra ricamente ilustrada: *A Vida Musical em Manaus, na Época da Borracha*, do autor Márcio Páscoa (1997). Este trabalho contém informações que vão desde seu desempenho pedagógico na rede pública e particular de ensino, até programas de concertos em que tenha atuado como solista. São dados importantes, que relatam uma época da vida do artista, nunca antes abordada, com tanto detalhe, por qualquer outro autor.

O período de Adelelmo do Nascimento teve início por volta de 2 de julho de 1883, quando foi nomeado professor de música da Escola Normal e ainda por essa época, professor de

demorou quase dois anos. Em 1882, a convite de Pedro Ayres Marinho, deixou o Pará e veio para Manaus. Estava no vigor da sua mocidade” (Idem, p. VIII).

¹⁶ Muitos autores escreveram sobre Adelelmo do Nascimento, mas esta pesquisa citará apenas os nomes de maior relevância: Guilherme Mello, Sílio Boccanera, Agnello Bittencourt, Vincenzo Cernicchiaro, Francisco Antonio Monteiro e Márcio Páscoa.

¹⁷ “Dopo pochi anni egli passò al Pará, ove la sua figura fu circondata e fortificata di speciale considerazione, creando un’orchestra che gli valse l’appoggio del Governo, che lo mandava in Europa, per ivi studiare i metodi più moderni in riguardo all’insegnamento” (CERNICCHIARO, 1926, p. 473.)

música e diretor de orquestra do Instituto de Educandos Artífices¹⁸. Em pouco tempo, passou a lecionar, também, em outras escolas de Manaus e Manacapuru, cidade próxima, cuja viagem de barco, única opção à época, levava algumas horas.

Os seus discípulos não se resumiam à clientela de Manaus. Quando morreu em Paris, a 28 de julho de 1898, uma missa com “Libera-me” foi mandada celebrar em Manacapuru, cidade próxima a Manaus, situada às margens do Rio Solimões, com a presença de muitos discípulos e dos professores das escolas públicas da região” (PÁSCOA, 1997, p. 71).

Pode se imaginar que não deva ter sido fácil para ele, atender a todas essas escolas, alunos particulares, e ainda dedicar-se às suas atividades anteriores como a composição, a regência e a carreira de solista. Mas um músico da sua grandeza dificilmente teria se afastado do cenário artístico e há evidências de que continuou a se apresentar, embora, provavelmente, sem a mesma frequência de antes; alguns concertos, realizados nos dias 19 de junho de 1892 e 15 de outubro e 9 de dezembro de 1893 (PÁSCOA, 1997. p. 273-275), indicam que mesmo diante de todas as suas obrigações, encontrava ainda tempo para dedicar-se ao violino e às apresentações públicas

Aqui cabe um parêntese para falar desses concertos e do tipo de repertório que costumava ser apresentado numa época em que a grande preferência do público era a ópera.

Na obra de Márcio Páscoa (1997), *A Vida Musical em Manaus na Época da Borracha*, há um apêndice contendo mais de cem programas de concertos realizados entre os anos de 1891 e 1909, onde se pode constatar a presença da temática lírica, inclusive na programação das performances instrumentais, como se pode verificar nesses três concertos em que Adelelmo do Nascimento atuou como solista.

¹⁸ PÁSCOA, 1997. p. 77. O Educandos Artífices foi inaugurado em 1856, extinto em 1877 e reaberto em 1882, conforme demonstrado na obra de Márcio Páscoa: “O estabelecimento estava sendo reinaugurado após ter sido fechado por um período de aproximadamente seis anos. Portanto, pela Lei n° 60, de 21 de agosto, de 1856, foi criado o Estabelecimento dos Educandos Artífices; que tinha como o objetivo instruir a mocidade desvalida e encaminha-la para um ofício”[...] (Idem, p. 86). “Em 7 de julho de 1877, alegando medida de economia, o então presidente da Província do Amazonas, Agésilau Pereira da Silva, extingue o Estabelecimento dos Educandos Artífices” [...] A retomada do estabelecimento não tardaria muito. “Em 8 de maio de 1882, sob a iniciativa do Presidente José Paranaguá, reinstala-se o Estabelecimento dos Educando Artífices, que agora teria o nome de Instituto Amazonense de educandos Artífices” (Idem, p. 88).

Concerto realizado provavelmente no Teatro Édén, no dia 19 de junho de 1892. Os músicos eram: Maria Bosi e Mathilde Schiavinato (sopranos) Desdêmona Campagnuoli (mezzo-soprano), Contí Foroni, Maria Petich (contraltos), Martinez Patti (tenor), Sante Athos (barítono), Adelelmo do Nascimento, Tranquilino Diogo, Raymundo Filgueiras e Paulina Gattinoni (violinos), Alexandre Rayol (violoncelista), Josephina de Freitas, Armênio de Figueiredo (pianistas), Giacomo Cornetti (regência e piano). Orquestra da Companhia Lyrica Italiana. Adelelmo tomou parte na execução das seguintes peças:

“*Sinfonia do Barbeiro de Sevilha*” - G. Rossini (orquestra)

“*o mio Fernando*” da ópera *La Favorite*” - G. Rossini (canto e orquestra)

“*Solo e dueto de contralto da ópera “La Gioconda”* – Ponchielli (canto e orquestra)

“*Quarteto da ópera “Ana Bolena”* - G. Donizetti- D. Auber (orquestra)

“*son junta*” p/ soprano ligeiro da ópera “*La forza del Destino*” G. Verdi (orquestra)

“*mia piccirela*” p/ soprano ligeiro da ópera “*Salvator Rosa*”- C. Gomes (orquestra)

“*dio possent, dio d’amor*” p/ barítono da ópera “*Fausto*” – Gounod (orquestra)

“*Quarteto para dois violinos, cello e piano*” da ópera “*Seramide*” - G. Rossini:¹⁹

[...]

Concerto realizado no Teatro Édén, em 15 de outubro de 1893. Os músicos eram: Gervásio de Castro (flautista), Adelelmo do Nascimento e Raymundo Filgueiras (violinistas), Joaquim Gonzaga (violista), Alexandre Rayol (violoncelista), Lydia Soares, Amália e Hortência Sá (pianistas) e Mathilde Schiavinato (soprano).

“*Serenata de concerto com acompanhamento de piano*” -? (piano e quarteto de cordas)

“*Voyage em Chine*”- Th. Lack (flauta, violino e piano)

“*Aída*” – Verdi (flauta, violino e piano)²⁰

[...]

No concerto do dia 9 de dezembro desse mesmo ano, na casa do Capitão Hilário Álvares. Os músicos: Gervásio de Castro (flauta), Adelelmo do Nascimento (violino), Sarah Stela de Freitas, Lydia Freitas Soares, Amélia e Hortência de Sá (pianistas).

“*Lucia di Lamermoor*” (flauta, violino e piano) - Donizetti

“*La Charité*” (violino, harmônio e piano) – Rossini

¹⁹ Idem, p. 273.

²⁰ Idem, p.275.

“*La Traviata*” (violino, harmônio e piano) – G. Verdi / Ketterer e Durand

“*Il Trovatore*” (flauta, violino e piano) - G. Verdi

“*Le Voyage em Chine*” (flauta, violino e piano) – Th. Lack

“*Guilherme Tell*” (violino e piano) – G. Rossini / Allard

“*Marcha religiosa*” (violino, harmônio e piano) – C. Gounod / Herman²¹

Infelizmente, registros como esses são escassos e as dúvidas sobre a frequência dessas apresentações, permanecem; mas sabe-se através de um dos periódicos da época, *O Imparcial*, que o artista baiano ainda atuou como violinista e regente da Grande Companhia de Operetas de Rafaelle Tomba, em 1897. “A orquestra manteve-se à altura das demais, que foram formadas para as outras temporadas líricas; de Manaus, participavam Adelelmo do Nascimento (que chegou a regê-la), Elpídio Pereira, Gentil Bittencourt e Geraldo Amorim”. (PÁSCOA, 1997, p. 184).

Que Adelelmo era um violinista excepcional, não restam dúvidas. As críticas da época não lhe poupam elogios

Quem, ao ouvi-lo vibrar o stradivarius, não sentiria agitar-se-lhe a alma como os ramos cadenciados ao som da Lyra do divino Orpheu? A sua frente, posto que extraordinária, revelava sempre um fundo melancólico, saturado de uma fina verve, inteligente e perspicaz: Era também assim o seu arco privilegiado quedando sempre para a melodia terna e dulçurosa, mas sabendo também ferir com segurança admirável os acordes arrebatadores, como os staccatos graciosos e vivaces (NASCIMENTO, 1904, p. VI).

[...]

Nessa última ocasião, quando o arco sustentado pela mão de Adelelmo doudejava sobre as cordas do seu instrumento e as emoções palpitavam dentro da alma dos espectadores na fúria da execução, partiu-se a prima, porém ele, impassível, continuou a tocar nas três cordas o que deveria tocar nas quatro (NASCIMENTO, 1904, p. X).

É curioso notar que os críticos da época detinham conhecimentos não apenas estéticos, como também, técnicos, da arte de tocar os instrumentos, e suas observações podiam ser tão

²¹ Idem, p.277.

detalhadas quanto rigorosas, como é o caso dessa longa crítica relacionada a um jovem violinista da época, o Sr. Sabatini, este sim, considerado bastante medíocre:

O sr. Sabatini, quando se apresentou ao público de Manaus, declarou-se diretor de orquestra e foi de uma infelicidade sem nome, já na escolha de suas peças, já na execução das mesmas. Esquece-se, ou por outra, ignora o sr. Sabatini, que ser diretor de orquestra é uma coisa um tanto difícil. Precisa ouvir os clássicos, ter noções de estética, alta composição, conhecimento completo de instrumentação e outros predicados indispensáveis que seria enfadonho mencionar (PÁSCOA, 1997, p. 211).

[...]

Notamos nos programas do sr. Sabatini a ausência de escritores originais para o seu instrumento: Vieuxtemps, Beriót, Kreutzer, Leonardi e outros mestres. Fazemos esta observação porque o sr. Sabatini apresentou-se como violinista e o seu programa não passa do de um medíocre amador. Falta-lhe afinação, o seu arco é flácido e sente-se logo à primeira vista que o moço artista faz o possível para agradar, mas não pode dar o que não possui (PÁSCOA, 1997, p. 211).

[...]

Nós aqui pelo Amazonas se ainda não tivemos um Kubelick, um Joachim, um Sarasate, já tivemos o inesquecível Adelelmo do Nascimento, Leocádio Rayol, Próspero Marsicano, Mamede da Costa e Nicolino Milano. Vê portanto, simpático violinista que já podemos dar alguma opinião sobre os seus concertos (PÁSCOA, 1997, p. 212).

Essa crítica ao Sr. Sabatini é de 1906 e chega a causar espanto o fato de que mesmo com todas as atividades artísticas envolvendo o cenário musical da cidade, e já decorridos oito anos de sua morte, Adelelmo do Nascimento continuasse a ser um referencial de esmero, requinte e qualidade técnica.

Para se ter uma idéia da quantidade desses eventos, na obra de Márcio Páscoa há um apêndice contendo programas das Companhias de Ópera, Opereta, Zarzuela e Revista, que estiveram em Manaus no período de 1890 e 1910; somente naquele ano de 1906, foram

apresentados aproximadamente 45 títulos dos gêneros, citados, distribuídos em mais de 80 récitas (PÁSCOA,1997, p. 253 – 271). Há de se concordar que a fama desse autor era notória.

E muito se tem a dizer de suas atividades pedagógicas. Professor renomado, chegou a escrever para seus alunos, um compêndio de teoria musical, talvez por não ter encontrado, à época, algo que correspondesse às suas expectativas. E parece ter escrito uma obra de peso, como se pode perceber nos relatos da época:

A exposição deste livro está bem metodizada e clara, ao alcance de todas as inteligências, tirando aos mestres grande parte dos trabalhos com que geralmente lutam, no ensino da musica. Alem disso, pelo seguinte plano se verá que está fora dos estreitos limites geralmente seguidos pelas *artinhas de musica* (NASCIMENTO, 1904, p. V).

O autor Márcio Páscoa faz uma análise interessante desse Compêndio onde chama a atenção para a vanguarda do seu conteúdo;

Estaria o mestre Adelelmo, ao utilizar estes princípios físicos e estudos acústicos (por isso ele terá relacionado uma obra como a de Félix Savart), em perfeita concordância com as correntes estéticas da Europa desta época, algo Positivista, mas também com uma certa dose de Naturalismo²². [...]Há poucas opiniões do autor sobre questões de gosto (praticamente se limitam ao que já foi dito aqui), podendo se dizer que ele evita o assunto, o que leva a crer que sua vontade era deixar que seus alunos formassem um livre juízo a respeito da Música. Redigido de forma objetiva, direta e simples, não é de se estranhar que tanto o trabalho como o seu autor, tenham gozado de grande prestígio em seu tempo (PÁSCOA, 1997, p. 71).

Pode se ter uma idéia que o autor não chegou a receber, em vida, o merecido reconhecimento por essa obra, pois que não mais estava presente quando de sua publicação, em 1904. Mas não se pode esquecer que ele tomou parte na sessão extraordinária, verificada no dia 31 de maio de 1897, quando a Congregação dos Lentes do Gymnasio Amazonense a indicou à

²² PÁSCOA, 1997. p. 71.

publicação e adoção no Gymnasio Amazonense e na Escola Normal, o que há de ter significado muito para o artista que encontrava-se prestes a deixar as duas instituições²³.

O trecho a seguir data de 8 de julho de 1904, seis anos portanto após a morte de Adelelmo, e refere-se a um documento que enviou o Dr. H. Álvares Pereira, membro da diretoria do Gymnasio Amazonense, ao então governador do estado, Constantino Nery, reiterando o pedido de que essa obra fosse finalmente publicada.

Dr. Governador do Estado. Para que V. Ex^a tome na devida consideração, passo a vossas mãos o trabalho junto, intitulado: Compêndio de Música Elementar do pranteado professor Adelelmo do Nascimento. Quem conheceu de perto esse ilustre homem da arte, professor distinto a quem a mocidade desta terra, muito deve, lendo com a devida atenção a obra junta, há de fazer justiça ao mérito de seu espírito, que se extinguia longe da nossa pátria, mas, legando a essa terra, que o acolheu com carinho, um precioso fruto do seu amor à arte consubstanciada nas páginas do trabalho, que remeto com este a V. Ex^a.

[...]

A impressão dessa obra será de grande alcance para os que estudam música dentro ou fora do estado, além de ser um reconhecimento do mérito e competência daquele que, dirigindo a cadeira de música do antigo Instituto de Artes e Ofícios e do Gymnasio, soube se impor à estima de seus discípulos e conseguiu desenvolver o gosto pela grande arte. Pondo o trabalho sob vossas vistas, acredita esta Diretoria que V. Ex^a. saberá dar-lhe o destino que merece, opinando pela sua publicação, pois já é propriedade do estado, para que o pó dos arquivos não o sepulte no esquecimento ou o tempo não o consuma com sua terrível ação destruidora. Saúdo-vos. (assinado) Dr. H. Álvares Pereira (NASCIMENTO, 1904, p. XII).

²³ “Ata da sessão extraordinária da Congregação dos Lentes do Gymnasio Amazonense, verificada no dia 31 de maio de 1897, como abaixo se declara. Aos trinta e um dias do mês de Maio do ano de mil novecentos e noventa e sete, às nove horas da manhã, acham se presentes o Sr. Diretor Francisco Antônio Monteiro e os lentes Antônio Monteiro de Souza, Manuel de Miranda Leão, Francisco Pedro de Sampaio, Adelelmo Francisco do Nascimento, Drs. Plácido Serrano Pinto de Andrade, Domingos José Francisco Valle, João Machado de Aguiar e Mello e João José Fernandes Veiga” [...] E havendo sido colocada em debate a proposta de publicação da obra: “Foi posto em discussão e não havendo quem pedisse a palavra, foi unanimemente aprovado, sendo pela mesma Congregação autorizada a sua impressão e adoção no Gymnasio e Escola Normal” (NASCIMENTO, 1904, p. V).

O pedido do Dr. H. Álvares Pereira foi prontamente atendido pelo governo do Amazonas, e a publicação do *Compêndio de Música Elementar*, autorizada, em 6 de setembro de 1904, numa tiragem de 10.000 exemplares.

Os escritos sobre Adelelmo indicam um professor dedicado, como se pode notar no discurso de um de seus colegas do Gymnasio Amazonense, o orador Francisco Antônio Monteiro, quando de suas homenagens póstumas ao autor, dois meses após o seu falecimento:

Aqui, entre nós, o maestro Adelelmo, nosso companheiro, nosso amigo, elevou o cargo de lente à altura de um sacerdócio. Na verdade, senhores, na vida do professorado público, há exemplos de dedicação e solicitude invejáveis, de acurado e pertinaz desempenho dos deveres, de verdadeiro amor pelo real progresso da juventude de quem tudo se deve esperar de bom, honesto e civilizador, para a pátria. Por mais alto que seja o plano em que se coloque o mestre que tenha tais virtudes, esse plano não será por demais elevado para nele colocarmos o Maestro Adelelmo! De 1883 a 1897, apresentou nesta casa, a exame de música, 396 alunos da Escola Normal e Gymnasio Amazonense. Como professor no Instituto Benjamin-Constant, em diversos Colégios particulares, em casas de famílias, foi sempre cumpridor dos seus deveres. Que digam aqueles que tiveram a felicidade de possuí-lo como professor de seus filhos. Dia e noite não descansava; não eram os proventos pecuniários que o obrigavam a tanto trabalho; não. Era o amor pela divina arte. Como o lavrador embebe com seu suor a terra para que brote a semente, assim ele trabalhava para estimular em seus discípulos o gérmen do amor pela música (NASCIMENTO, 1904. p. X).

Quase dando por encerradas as buscas em fontes primárias e secundárias, esta pesquisa deparou-se com uma informação intrigante. De acordo com a *Enciclopédia da Música Brasileira*²⁴, Adelelmo do Nascimento teria escrito um segundo livro, de nome *Noções de Música*, publicado no Rio de Janeiro, em 1916, quase vinte anos, portanto, após a sua morte. O novo dado criou nesta investigação científica a expectativa de uma descoberta importante que seria a constatação de que o trabalho do teórico baiano houvesse se expandido para além das fronteiras amazônicas. Na biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, foram localizados dois

²⁴ Segundo essa obra, Adelelmo do Nascimento publicou o *Compêndio de música elementar*, Manaus 1904 e *Noções de música*, Rio de Janeiro, 1916” (CULTURAL, ITAÚ, 1998, p. 516).

exemplares com esse nome; tratam-se de cartilhas de iniciação musical, destinadas ao segundo ano, quarta série do ensino primário, cujo número de série, 26, indica a existência de outros volumes. Essas cartilhas, embora Idênticas em seu conteúdo, foram publicadas por diferentes editoras e datas; a primeira, pela *Sociedade Anônima de Responsabilidade Limitada*, de Lisboa, com sedes nas cidades do Porto e no Rio de Janeiro, em 1904; a segunda, pela *Livraria Francisco Alves*, no Rio de Janeiro e pelas *Livrarias Aillaud e Bertrand*, de Paris e Lisboa, em 1916, e embora não apresentem o nome do autor, foram, de acordo com a *Enciclopédia de Música Brasileira* (ITAÚ CULTURAL, 1998, p. 516), atribuídas a Adelelmo do Nascimento.

Na tentativa de encontrar alguma semelhança entre as obras: *Noções de Música*, supostamente escrita pelo mestre baiano, e o *Compêndio de Música Elementar*, de sua confirmada autoria, esta pesquisa pode constatar algumas ligações, a começar pela data da publicação de ambas, o ano de 1904. Outro ponto chama a atenção; na capa do livro *Noções de Música*, há uma breve descrição do seu conteúdo que termina com a frase: “expostos por forma sucinta e concisa, mas clara, despreziosa, popular, ao alcance de todas as inteligências”. Pode ser apenas coincidência, ou maneira comum à época, de se referendar uma obra; mas a verdade é que essa descrição assemelha-se bastante ao parecer dado pela comissão avaliadora do *Compêndio de Música Elementar*, quando da sua indicação a que fosse publicado: “A exposição deste livro está bem metodizada e clara, ao alcance de todas as inteligências” (NASCIMENTO, 1904, p. V). Outro item fomentou expectativas; nessa mesma biblioteca há um terceiro exemplar dessa série de cartilhas, chamado *Noções Rudimentares de Theoria Musical*, de 1914, cujo autor é identificado apenas pelas iniciais: A. F, as mesmas iniciais de Adelelmo Francisco do Nascimento; e embora essas informações pareçam, num primeiro momento, desconectas ou isoladas, encontram-se, curiosamente, catalogados sob o mesmo número de arquivo: 780-2, N758, 1916, daquela biblioteca, numa clara indicação de que foram, em algum momento e por algum motivo, relacionadas.

No entanto, esta pesquisa não pôde precisar os motivos dessa catalogação nem pode encontrar um único documento que confirmasse a publicação da obra *Noções de Música*. E procedendo à análise do interior das cartilhas, tampouco encontrou semelhanças entre o seu breve conteúdo²⁵ e o farto material que compõe o *Compêndio de Música Elementar*. Pode se

²⁵ Nota-se nessa obra, uma abordagem da educação musical num sentido muito mais histórico do que técnico. Há uma longa sessão dedicada à evolução da música através dos séculos, segundo culturas diversas e uma outra dedicada aos principais músicos portugueses. Somente 22 páginas são dedicadas à teoria musical propriamente

argumentar que esses livretos foram destinados a um público maior, mais amplo e mais leigo, daí a sua superficialidade, mas isso não ajuda a esclarecer a sua procedência. Pode-se ainda imaginar que os alunos de Adelelmo do Nascimento, deslocando-se pelo país, possam ter levado a obra de seu mestre para outras cidades, havendo sido o *Compêndio* utilizado, no Rio de Janeiro, apenas como fonte de consulta, uma vez que foi considerado, à época, a melhor obra do gênero escrita em língua portuguesa²⁶, o que justificaria uma menção ao nome do autor.

Mas são apenas considerações e o assunto demanda criterioso inquérito. Infelizmente, esta pesquisa não encontrou registros dessa publicação em qualquer arquivo público daquela cidade, e se o livro realmente existiu, deverá aguardar um próximo momento para se revelar ao público.

E assim como a procedência dessa cartilha permaneceu envolta em questionamentos, também o permaneceram os assuntos relativos à vida pessoal do artista. Esta pesquisa não encontrou, em qualquer fonte, uma única menção a casamentos, filhos, prováveis amores, tudo indicando que o autor possa mesmo ter dedicado à música, grande parte da sua vida, idéia, aliás, bastante comum nos relatos sobre ele, como se pode notar em passagens desta natureza: “Não recuou, não economizou esforços, foi até o sacrifício do seu futuro, pois que esquecendo de si, só lembrou-se de que havia aqui uma mocidade talentosa, capaz de acompanhá-lo nos seus arrojados vôos” (NASCIMENTO, 1904, p. IX).

Adelelmo do Nascimento viveu durante um período de conflitos políticos²⁷ e decadência musical. Guilherme Mello (1908), em sua obra *A Música no Brasil Desde os Tempos Coloniais*, aponta algumas condições que, em sua opinião, colaboraram para o declínio da música no Brasil da segunda metade do século XIX; seriam elas:

A invasão de nossos teatros pelas companhias líricas de ínfima classe, cujos empresários gananciosos não trepidavam em iludir a boa fé dos nossos

dita, o que é pouco, se comparadas às 70 páginas do *Compêndio de Música Elementar* (sem falar que o *Noções de Música* é um livro de bolso, no tamanho de 12 X 16,05 cm). Mas não se pode dizer que seu conteúdo seja inconsistente, e sim, resumido.

²⁶ Parecer da comissão encarregada de avaliar o conteúdo do *Compêndio de Música Elementar*: “A exposição deste livro está bem metodizada e clara, ao alcance de todas as inteligências, tirando aos mestres, grande parte dos trabalhos com que geralmente lutam no ensino da música.” [...] “Esta comissão julga que em Português, não existe obra melhor, no gênero” (NASCIMENTO, 1904, p.V).

²⁷ O reinado de D. Pedro II foi marcado por conflitos políticos herdados da época de seu pai, e pelos movimentos revolucionários de libertação, tanto dos escravos como de algumas regiões do país. São dessa época as revoltas conhecidas como: Cabanagem (1835-1840), no Pará; Revolta dos Farrapos (1835-1845), no Rio Grande do Sul; e Revolta Praieira (1848 a 1859), no Recife, a Guerra do Paraguai (1865-1870) e a libertação dos escravos (1888), movimentos que acabariam por enfraquecer o império e favorecer a proclamação da República, em 1889.

antepassados. [...] a crassa ignorância do senhorio daquele tempo que sistematicamente elevavam a música italiana a tal ponto que baniram as nossas modinhas do salão” (MELLO, 1908, p. 273).

[...]

A inexperiência de D. Pedro II, se bem que com as melhores intenções, em privar-nos dos nossos melhores compositores mandando-os para Europa em vez de importar de lá os melhores mestres, como fez D. João VI com Marcos Portugal, Neuckomm e a colônia Nebreton, por ocasião de fundar a Escola das Belas Artes, no Rio de Janeiro (MELLO, 1908, p. 274).

E o autor continua a apontar outros responsáveis pelas condições em que se encontravam as artes musicais no país:

Um outro fator que muito concorreu, também, para a decadência da música no Brasil, foram as tais *artinhas*, pois estas, restringindo em poucas páginas somente as regras mais elementares da música, dificultaram extraordinariamente o seu progresso. Aqueles que aprenderam por elas, tornando-se verdadeiros ignorantes, se constituíram mais tarde maus professores e foram pouco a pouco diminuindo a sua aplicação, acabando uns por julgar-lhes completamente inúteis e outros, exigindo-as apenas nas primeiras lições, obrigavam seus discípulos somente a decorá-las, sem as devidas explicações (MELLO, 1908, 277).

É difícil saber se Adelelmo do Nascimento tinha algum juízo formado sobre essas questões, mas a verdade é que durante a sua vida, acabou trilhando um caminho bastante oposto a esse criticado por Guilherme Mello (MELLO, 1908). Como artista, possuía um preparo invejável e participou de companhias líricas de excelente qualidade. Basta lembrar que era ele o *spalla* da lírica que acompanhou Carlos Gomes em tournée por todo o Norte e Nordeste, e era ele ainda, o *spalla* e regente da famosa orquestra do Teatro São João, da Bahia. Tampouco seguiu as tais *artinhas* de música. Ao contrário, escreveu um *Compêndio de Música Elementar*, de conteúdo significativo, provendo seus alunos das mais importantes informações teórico-estéticas do seu tempo, talvez por acreditar que somente uma boa educação poderia proporcionar a igualdade dos espíritos.

Como professor, tinha uma intuição exata e pouco comum dos métodos de ensino e tinha exigências geradas da convicção entranhável que o levava a dizer, como Helvétius, que a desigualdade dos espíritos se deve à diferença da educação” (NASCIMENTO, 1904, p. VI).

Também não saiu de sua terra natal para estudar na Europa, apesar de ter sido convidado por duas vezes, e por dois nomes importantes do seu tempo; o maestro Antonietti, então diretor da orquestra do Teatro São João, da Bahia, e o próprio maestro Carlos Gomes, um grande admirador do seu talento. E aqui permanecendo, foi o responsável pela formação de inúmeros discípulos que por sua vez, continuaram o trabalho do mestre²⁸.

Se suas atitudes tiveram um propósito específico ou foram meros reflexos dos acontecimentos, não se pode precisar; mas é certo que os autores já referidos neste trabalho costumam demonstrar surpresa pelo fato dele ter recusado as propostas de estudos na Europa, o que pode indicar que não era esse um costume muito comum aos artistas da época. Esses mesmos autores, porém, não apresentam os motivos do próprio Adelelmo para as repetidas recusas, interpretando, cada qual, à sua maneira, as razões do mestre.

Ainda em 1879, o maestro Antonietti, diretor da orquestra, entusiasmado pela verdadeira compleição artística do nosso pranteado conterrâneo, Adelelmo do Nascimento, quis, à viva força, levá-lo para a Itália, e à expensas próprias, honrosa proteção recusada num assomo, talvez, de orgulho: tendo-se feito por si, unicamente por si queria subir (BOCCANERA, 1906, p.18).

Naturalmente, não seria possível para esta pesquisa, apontar suas verdadeiras razões. No entanto, não parece insensato imaginar que um dos fatores que possam ter contribuído para sua intermitente recusa em deixar o país, tenha sido de ordem prática, pura conveniência profissional, pois que havendo tão cedo atingido posições elevadas em sua carreira, e sabendo quão difícil é o caminho de um artista até aquele ponto, não estivesse disposto a colocar essas posições em risco por conta de uma ausência prolongada, o que certamente teria acontecido. Essa bela passagem,

²⁸ Na obra de Márcio Páscoa há um longo trecho dedicado aos alunos do mestre Adelelmo. Aqui, no entanto, serão citados apenas alguns nomes de maior destaque: Gentil Bittencourt, bolsista do Amazonas na Itália, Raymundo Filgueiras, professor da Academia de Belas Artes, Geraldo Amorim, professor do Gymnasio Amazonense, Lourival Muniz, professor da Academia de Belas Artes, entre outros (PÁSCOA, 1997, p. 221-222).

no entanto, demonstra a grande admiração que seus contemporâneos lhe devotavam. Da mesma forma seria difícil explicar os motivos que o levaram, anos mais tarde, a abrir mão de sua consagrada carreira de solista em função quase exclusiva do magistério, pois que as razões podem ter sido igualmente inumeráveis; mas também aqui cabe arriscar o palpite de que estabilidade profissional e a boa remuneração devam ter pesado em suas decisões. Sobre esse ponto, há uma passagem na obra de Márcio Páscoa (1997) que indica ter sido essa remuneração, pelo menos em Manaus, bastante representativa, especialmente pela grande quantidade de cargos que o artista acumulou durante os quinze anos em que viveu naquela cidade.

Um último exemplo de como o ensino e a prática de música alcançaram alta importância na Manaus daqueles tempos. Os salários dos professores de música dos educandos estavam sempre entre os melhores proventos pagos aos professores daquela época. Francisco da Silva Galvão, como já se viu, tinha salário igual aos dos demais professores. Seu substituto Miguel Torres, foi além. Sua renda no exercício financeiro de 1870/71, foi de 1:529\$028 réis. Muito mais do que terá ganho o professor de primeiras letras do estabelecimento, com 931\$000réis, ou um professor do Lyceu, com 666\$660 réis (embora a carga horária fosse menor). Alexandre Ramiro usufruiu de mais vantagens, pois a parcela dos cachês que lhe foi concedida chegou à terça parte, enquanto o usual estabelecido recaía sobre a quinta parte. A situação de Adelelmo do Nascimento nem é passível de comparações; ele ocupou o cargo de professor de música em 4 instituições públicas diferentes (sem contar o ensino particular, em instituições e a domicílio) (PÁSCOA, 1997, p. 93).

Segundo os relatos de seus colegas, Adelelmo do Nascimento trabalhava sem descanso. Vale a pena ouvir o que diz Agnello Bittencourt, seu aluno no Gymnasio Amazonense, somente de suas atividades durante o primeiro ano que esteve em Manaus:

O maestro havia sido nomeado pelo grande Presidente Dr. José Lustosa da Cunha Paranaguá, para cadeira de Música e Canto da Escola Normal, a 14 de julho de 1883, como já o havia feito, a 2 do mesmo mês e ano, para a cadeira criada no Instituto dos Educandos Artífices.

Aproximava-se o dia em que o Presidente da Província – 10 de julho de 1884, festejaria, solenemente, em meio de retumbantes pompas, a entrega das últimas Cartas de Alforria aos escravos da Província.

José Paranaguá conversa com o Maestro e pede sua cooperação no brilho das solenidades em expectativa. Adelelmo do Nascimento, contando apenas 24 anos de idade, não esperou ordem em tal sentido. O que realizou com sua competência e tenacidade foi um verdadeiro milagre, dentro do programa dos festejos, tudo preparado no mínimo de tempo e no máximo de significação e esplendor.

As crianças do Instituto ainda não sabiam ler e contar, porém, ele, (Adelelmo), com seu talento e sua poderosa vontade, saiu, um ano depois, no dia 10 de julho de 1884, com a Banda de Música completamente organizada e no Palácio do Governo ela executou admiravelmente a *Sinfonia do Guarany*.

As suas alunas da Escola Normal e do ensino particular fizeram rápidos progressos, tanto que, na grande festa da libertação dos escravos, na Capital do Amazonas, quando o benemérito Presidente Dr. Theodoro Souto anunciou ao povo não havia mais escravos, a “*Caridade*”, de Rossini, foi cantada por todos os alunos e alunas de Adelelmo (BITTENCOURT, 1973. p. 23).

O texto não deixa dúvidas quanto à competência desse jovem maestro, curiosamente descrito por alguns de seus contemporâneos como pessoa humilde e recatada, conforme demonstram várias passagens: “A excessiva modéstia que tanto o caracterizava, impediu que ele desse à publicidade, muitas das suas composições, mas os seus discípulos as conhecem e sabem o quanto valem” (NASCIMENTO, 1904, p. X). “Era um grande espírito. Extremamente modesto. Não publicava o que produzia, sendo poucas as suas partituras” (BITTENCOURT, 1873, p. 22).

Nesse ponto parece haver uma contradição, pois recato e humildade não condizem com o brilho de sua carreira, nem com os postos galgados por ele ao longo de sua vida. O que esta pesquisa pode observar pelas leituras realizadas, é que parece haver uma tendência entre os autores da época em romancear as biografias dos artistas, idealizando suas vidas e personalidades. Há outra questão: os atributos de humildade e recato, quando referidos a esse músico, costumam estar relacionados à temática da composição, como se pode perceber nos dois exemplos do parágrafo anterior, e parecem reportar-se exclusivamente a esta faceta do autor, e nunca ao violinista, maestro ou professor Adelelmo do Nascimento, o que nos leva a crer que ele talvez não considerasse a escrita, sua área de maior domínio, ou que simplesmente não tenha tido tempo para se dedicar, com o devido afinco, a uma tarefa que exige tamanha aplicação. Na

verdade, Guilherme de Mello, em sua obra *A Música no Brasil Desde Tempos Coloniais*, aponta para um artista, nada humilde:

Uma feita veio a esta Capital o distinto e notável violinista cubano, White²⁹. No seu violino, este artista que trazia merecida reputação européia, executou em concerto publico, uma difficilima composição sua, que causou sucesso. Dias depois, Adelelmo executava o mesmo trecho na presença de seu digno colega, que ao ouvir expirar a ultima nota, abraçou-o com verdadeiro delírio (MELLO, 1908, p. 271).

Não parece impróprio questionar os motivos que teriam levado o violinista Adelelmo do Nascimento a reproduzir, de memória, para seu colega cubano, a difícilima peça de sua autoria, sem que houvesse para isso, qualquer justificativa ou necessidade, fosse um concerto ou um *master class*. Pode-se presumir que ele talvez desejasse somente causar, no companheiro, um impacto profissional muito típico do convívio entre músicos, onde performances e capacidades são avaliadas a todo o momento e de todas as formas. Essa passagem, na verdade, não parece indicar um músico recatado e sim, um artista vaidoso de suas habilidades, consciente de seu potencial artístico e decidido a mostrar-se equiparado aos grandes artistas da Europa, ainda que o fizesse de forma galhofeira, como deve ter sido o episódio com o violinista cubano, José White.

E ainda que não fosse a composição, sua principal atividade, sabe-se que ele deixou algumas obras. Em verbete dedicado ao autor, a *Enciclopédia de Música Brasileira* informa que ele não publicou suas composições e por isso são poucas as suas partituras, destacando-se uma *Missa Dedicada a Nossa Senhora da Boa Esperança* (ITAÚ CULTURAL, 1998, p. 516). Esta pesquisa, no entanto, não pode localizar essa partitura ou qualquer outra de suas obras.

Os últimos anos de vida do autor foram de trabalho extenuante, como se pode comprovar nos relatos a seguir:

Como artista e como mestre, fazia-se ainda notar pela atividade e infatigabilidade estranháveis no seu físico já pesado e cansado por muito mais de vinte anos de trabalhos ininterruptos (NASCIMENTO, 1904, p. VII).

[...]

²⁹ “José White era cubano e veio para o Brasil em 1883, como professor de violino da Princesa Isabel. Fundador da Sociedade de Concertos clássicos, exerceu intensa atividade camerística e sinfônica, divulgando a obra de Beethoven, Haydn e Mendelssohn” (ALMEIDA, 1942, p. 390).

O seu organismo cansou; não podia mais resistir a este clima. Precisava sair do Amazonas para avigorar-se. Em 1897, aposentou-se... Logo depois de aposentado, abraçou-nos e disse-nos adeus, porque deixava-nos; ia ouvir um pouco de música antes de morrer. Foi para Paris. Não sei se o maestro ouviu a música que ele tanto desejava; mas, o que é certo, é que em Paris no dia 28 de fevereiro, deixou de existir (NASCIMENTO, 1904, p. X).

Não há qualquer informação sobre o que teria ocasionado o seu passamento prematuro, por volta dos 50 anos, mas tudo leva a crer que as inúmeras funções exercidas ao longo da vida e a conseqüente fadiga acumulada durante todos os anos de trabalho exaustivo, esgotaram seu físico, minando-lhe a saúde.

Sua morte em terras distantes há de ter consternado os que aqui ficaram, impossibilitados de prestar-lhe os serviços fúnebres. Essa melancolia se faz notar nesse pequeno trecho da *Poliantéia* distribuída em sessão solene da Congregação dos Lentes do Gymnasio Amazonense e Cursos Anexos, no dia 28 de abril de 1898, por ocasião das homenagens póstumas ao autor:

Adelelmo do Nascimento, que a essa hora em que vos falo, esconde-se em terra estrangeira dentro de uma cova, talvez velada por uma cruz não teve um berço cheio de arminhos e europeis e sim pobre, mas honrado (NASCIMENTO, 1904, p. X).

O talentoso artista morreu em Paris, no dia 28 fevereiro de 1898 e encontra-se enterrado no Cemitério de Saint Ouen, dos estrangeiros³⁰, longe de todos aqueles a quem amou e dedicou os últimos anos de sua vida.

Bibliografia

ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *História da Instrução Pública no Brasil (1500-1889)*. Trad. Antonio Chizziotti. São Paulo: EDUC; Brasília: INEP/ MEC, 1989.

ALMEIDA, Renato. *História da Música Brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia, 1942.

³⁰ BITTENCOURT, 1876, p. 22.

- BITTENCOURT, Agnello. *Dicionário Amazonense de Biografias*. Rio de Janeiro: Conquista, 1973.
- BOCCANERA, Sílio. *O Theatro na Bahia*. Bahia: Oficinas do “Diário da Bahia, 1915.
_____. *O Theatro Brasileiro*. Bahia: Imprensa Econômica, 1906.
- BURKE, Peter. *A Escrita da História*. São Paulo: Edunesp, 1992.
- CHARTIER, R. *História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- CERNICCHIARO, Vincenzo. *Storia Della Musica nel Brasile*. Milano: Fratelli Riccioni, 1926.
- FUBINI, Enrico. *La Estética Musical Desde la Antigüedad Hasta el Siglo XX*. 2. ed. Madrid: Alianza Ed, 1993.
- GROUT/PALISCA. *História da Música Ocidental*, Lisboa: Gradiva, 1997.
- ITAÚ CULTURAL. *Enciclopédia da Música Brasileira*, São Paulo: Art Editora, 2. ed.1998.
- MELLO,Guilherme. *A Música no Brasil Desde os Tempos Coloniais*. Bahia: Typografia de S. Joaquim, 1908.
- NASCIMENTO, Adelelmo do. *Compêndio de Música Elementar*. Manaus: Lino Aguiar & Cia, 1904.
- PANOFSKY, Erwin. *Significado nas Artes Visuais*. São Paulo: Perspectiva,1991.
- PÁSCOA, Márcio. *A Vida Musical em Manaus na Época da Borracha (1850-1910)*. Manaus: Governo do Estado do Amazonas/Funarte, 1997.
_____. *Ópera na Amazônia na Época da Borracha (1880-1907)*: Bug Jargal de José Cândido da Gama Malcher. Coimbra, 2003, 2v. Tese de Doutorado em Ciências Musicais Históricas (Faculdade de Letras).
- SALLES, Vicente. *Épocas do Teatro no Grão-Pará ou, apresentação do Teatro de época*. Belém: UFPA, 1994, 2v.
_____. *Música e Músicos no Pará*. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1970.
_____. *A Música e o Tempo no Grão-Pará*. Belém: Conselho Estadual de Cultura,1980.
- SADIE, Stanley (ed.). *The New Grove Dictionary of Music and Musicians*. New York London: Macmillan Publishers, 1980, 20 vols.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.